REQUIÉM DA MALDADE

Buenos Aires – Fevereiro de 2004.

O solavanco do trem de pouso do avião tocando o solo argentino me despertou para a realidade. Foi a primeira vez que eu senti medo. Medo do quê, eu não saberia precisar. O país era outro. Atrocidades de um passado não muito distante haviam ficado para trás. Antigos algozes eram trazidos todos os anos perante cortes de justiça para prestar contas de seus excessos. A democracia e os direitos humanos imperavam, mas mesmo assim tinha medo.

Medo de estar adentrando em terreno desconhecido. Medo por ter sido o escolhido. Dentre todos os jornalistas do mundo, por que ele me escolheu para uma entrevista exclusiva? Quatro países europeus solicitando sua extradição, a comunidade internacional exigindo seu pronto julgamento e ele elege meu nome, um repórter americano desconhecido para contar suas memórias, com uma única exigência: Que eu fosse à Argentina encontra-lo incógnito. Ninguém poderia saber que eu estava lá para escuta-lo. Depois de ouvi-lo, poderia dar o destino que quisesse para a reportagem: matéria de jornal, um livro ou até mesmo um documentário. Mas para conceder a entrevista ele exigiu absoluto sigilo.

Eu aceitei. Evidente. Um jornalista passa a vida inteira sonhando com uma exclusiva, ainda mais dessa envergadura. Um dos grandes carrascos do século XX resolve se pronunciar e qual o profissional da área não estaria interessado em escutá-lo, para então no clímax da entrevista o olha-lo nos olhos e indagar: E disso o senhor se arrepende?

Mas uma dúvida me atormenta desde o nosso primeiro contato há mais de três meses: Por que eu? Dentre todos os

jornalistas renomados do mundo, por que um jovem repórter desconhecido? Um nome insignificante na mídia. A raiz do medo talvez fosse essa: Não do velho carrasco em si, mas da própria dimensão do trabalho.

Fila da alfândega e medo deu lugar ao nervosismo. A fila mal anda e o agente alfandegário tem ares de severo. E se ele não acreditar na minha estória? Um turista acidental que resolve visitar Buenos Aires naquela época do ano. Por que não foi ao Rio de Janeiro apreciar o carnaval? Não seria melhor usar a desculpa proposta pelo meu editor, um fotógrafo no trabalho de fazer um guia turístico daquela linda cidade?

Não. Tal desculpa traria a implicação de solicitação de licença da Prefeitura. Queria evitar a todo custo qualquer burocracia. Se o agente alfandegário implicasse com a câmera profissional e o jogo de lentes, azar.

Perguntas diretas, respostas simples e curtas. Exibi a reserva do hotel e a passagem de volta. Tempo de permanência? Respondi: 6 dias. Vai se encontrar com alguém? Possui conhecidos em Buenos Aires? Engasguei. A resposta saiu: Um amigo. De todas as respostas possíveis e imaginárias foi a única frase que consegui pronunciar. Amigo da onde? Quem é esse amigo? Como o conheceu? Não me perguntou. O agente se dera por satisfeito. Carimbou meu passaporte e me dispensou.

De posse da bagagem, me servi de um táxi. Exibi o endereço do hotel, já que o idioma não dominava. O motorista arriscou algumas palavras em inglês e assim fomos nos comunicando.

Um hotel muito modesto. Limpo, mas sem qualquer luxo. Quarto com cama, cômoda, guarda roupa, televisão e mais nada. A louça do banheiro mostrava o desgaste do tempo.

Pela primeira vez relaxei, mas não ousei deitar na cama. As orientações eram claras: Que eu não me afastasse do telefone um

minuto sequer. Deveria passar o resto do dia assim, sentado na cama, com o aparelho ao alcance da minha mão.

Refeição, no quarto. Comida leve para evitar a sonolência. Deveria permanecer desperto.

O tempo passava e a ansiedade me tomava. Olhava repetidamente para o relógio. Era sintomático. Em uma hora devo ter olhado cinqüenta vezes para o relógio e, caprichosamente, sempre no momento que o ponteiro dos segundos passava pelo número “60”.

Ligo a televisão. Detenho-me em um filme que já assisti, só que dublado. Tiro o som e tento me focar no enredo. Em vão. Nada detém a minha atenção. Freneticamente mudo de canal com o controle remoto. Em um noticiário qualquer, vejo a foto dele jovem, com uniforme da SS-Hauptsturmführer.

Aumento o som instintivamente. Mas que bobagem. Não entendia nada a não ser a pronuncia do seu nome: Rudolf Stangler. Na reportagem ainda identifiquei referência a localidades da França, Holanda, Alemanha e Grécia. Por fim surgiu a foto do corpo de Che Guevara quando morto na Bolívia.

Vasculho a mala. Para passar o tempo apanho uma resenha preparada pelo meu editor sobre Rudolf Stangler. Nasceu em Nürburgring, Alemanha, em 1.916. Entrou para a juventude hitlerista em 1928, com 12 anos. Em 1935, aos 17 anos foi recrutado pela SS-Hauptsturmführer, chegando ao fim de 1944 a patente de tenente-general. Atuou na França em 1940. No Leste Europeu no Einsatzgruppen (“força-tarefa” ou “grupos de intervenção”) atuou de 1.941 a meados de 1.943. Em 1.944 atuou na Itália. No final de 1.945 desaparece, só reaparecendo em 2003 na Argentina.

Relatos paralelos, não documentados, indicam que atuou junto aos governos militares da Bolívia, Chile, Brasil e da própria

Argentina ao longo das décadas de 1960 e 1970. Mas esse seria um fato a ser confirmado ou negado pelo próprio Rudolf.

A noite caiu. O telefone sem tocar. Fiquei tentado em descer até a recepção atrás de um recado. Não. Não eram essas as minhas instruções. Devia ficar incomunicável. Ele acabaria entrando em contato. Eu já estava no local e na data avençados. Cabia a mim apenas esperar.

Espera que me torturava. E se o telefone não tocasse? E se ele se arrependesse? E se tudo não passasse de uma armação. Espera, espera, espera e nada.

Oito e trinta. Mais de cinco horas trancado naquele quarto e nada. Nem banho tomei para não me desgrudar do telefone. Sinto fome e cansaço pela angústia.

“Hoje ele não liga mais”, pensei.

Decidi. Aguardaria apenas 24 horas. Amanhã ligarei para o editor que tentaria me convencer aguardar pelo menos 72 horas. Fecharíamos em 48. Mas as instruções foram claríssimas: Assim que chegar ao Buenos Aires, entramos em contato no mesmo dia.

O telefone toca! Não espero o segundo toque. Falam o meu nome. Confirmo que sou eu na linha. A informação vem prontamente em inglês:

- Em 45 minutos um carro lhe apanhará na praça em frente ao hotel.

Desligaram. Nenhuma informação adicional foi dada.

45 minutos. Tempo para um rápido banho, barba e nada mais. Usaria roupa sóbria, discreta, conforme instruções prévias. Na valise, minha câmera fotográfica, jogo de lentes, filmadora, bloco de notas e mais nada.

Em meia hora estava na praça andando calmamente de um lado para outro. Ri, imaginando a ironia de ser assaltado naquele momento e me levarem todo o equipamento. Nada disso aconteceu. Aguardei e precisamente no horário combinado um carro encostou.

O motor não foi desligado. Ninguém desceu. Abriram a porta de trás. Fizeram gesto para que eu entrasse. Três homens no seu interior. Dois na frente e um atrás. Avaliava a situação, quando insistiram no gesto. Queriam que eu fosse rápido.

Obedeci. Tomado mais uma vez pelo medo, entrei no banco de trás do carro de vidros escuros.

O carro se punha em movimento e me passaram um capuz.

- Vista.

Surpreso, já que as instruções nada diziam sobre aquilo, indaguei se aquilo era realmente necessário. Dessa vez a ordem veio em um tom ameaçador:

- Vista.

Pus o capuz, mas o meu medo e nervosismo já se faziam latentes. Minha respiração ofegante denunciava isso.

O carro começou a andar. Nenhuma palavra foi proferida. O silêncio era aterrador. Arrisquei uma pergunta na tentativa de me acalmar. Mas antes de acabar de pronunciá-la, veio a ordem:

- Quieto.

Isso só aumentou meu nervosismo.

Rodamos por mais de uma hora, creio eu. Tive a sensação de deixar a cidade. O carro deveria estar em uma auto estrada, dada a velocidade que desenvolvia.

O carro fez uma curva bem fechada. Diminuiu sensivelmente a velocidade e começou a trepidar. Não estávamos mais no asfalto. Parecia pedregulho dado o choque constante que sentia no chão do carro. Rodamos mais alguns minutos em um movimento assimétrico.

Inusitadamente paramos. O motor foi desligado. A ordem se antecipou a qualquer movimento meu:

- Não tire o capuz. Nós o conduzimos. Aguarde.

Desceram do carro, mas tive a nítida sensação que um deles ficou do lado de fora me vigiando. Passaram alguns minutos. A porta do meu lado foi aberta e eu fui retirado do carro pelo braço.

Meus braços foram seguros firmemente por dois homens, um de cada lado. Fui conduzido para dentro de um recinto. Me avisaram sobre uma escada de três degraus. Me desequilibrei mesmo assim, mas me ampararam. Me posicionaram de lado sem diminuir a marcha. Percebi então que passava por uma porta. Sentaram-me em uma cadeira e disseram:

- Você vai ouvir a porta se bater. Conte até dez bem de vagar e tire o capuz.

- Minha valise?

A minha pergunta foi ignorada. A batida da porta se seguiu. Iniciei ao contagem. Ao seu término, tirei o capuz. Vi minha valise aos meus pés.

Estava diante de um grande quadro. Um lindo quadro à óleo retratando uma manada de cavalos em disparada. Estava ao centro de uma sala bem ampla. Toda iluminação advinha de abajures. Os

móveis estavam dispersos, encostados à parede em uma clara demonstração que haviam sido removidos de sua posição habitual.

Ainda tentava adivinhar o que aconteceria, quando a voz dele me surpreendeu:

- Atrás de você.

Assustei-me. Dei um pulo. Fiquei todo desconcertado, mas ele riu da situação.

Não esperava encontra-lo assim: sentado em uma poltrona, rodeada de travesseiros, com um balão de oxigênio ao lado que se servia através de um respirador.

- Senhor Rudolf Stangler?

Inalando o oxigênio, ele balançou a cabeça positivamente e ainda arrematou:

- Tenente-general da SS-Hauptsturmführer, ao seu dispor.

Estava atônito. Há cerca de três meses quando fora descoberto, Herr Rudolf Stangler não saia dos noticiários que relatavam permanentemente seu passado de atrocidades. A comunidade internacional queria o seu julgamento o quanto antes, já que não tinha muito tempo de vida. Sua extradição estava sendo solicitada pela França, Alemanha, Polônia e Israel. E ele resolve se revelar justamente a mim. Por quê?

- Fui um grande amigo de seu avô. Freqüentei de criança a casa dos pais dele. Não precisa escrever isso. Não é recomendável expor antigos laços familiares com um ex-nazista.

A explicação viera, mas mesmo assim fiquei pasmo. Sim, a família da minha mãe havia emigrado da Alemanha para os Estados Unidos cinco anos antes do início da Segunda Guerra.

Não viam com bons olhos a ascensão do nazismo, mesmo porque parte de sua ascendência era judia. Quando sentiram o início da preterição de direitos, partiram.

Ele apenas me olhava. Chegava a sorrir. Não passava de um ancião frágil e delicado.

- Que tal começarmos?

Foi ele que propôs. Estava atônito. Aquela revelação de uma amizade tão próxima de um carrasco nazista com minha família não me caiu nada bem. Pensamentos iam e vinham, mas me fixei em uma certeza: Não corria risco. A proximidade dele com a família da minha mãe em época remota me dera a certeza de que razões afetivas permearam sua escolha. Preferiria que não fosse assim. O motivo de tal prelazia não me agradou nenhum pouco. “Laços familiares com um ex-nazista”, não estamos livres disso.

Entre pensamentos que me bombardeavam a mente, praticava ações desconexas. Ora me concentrava na máquina fotográfica, ora com o bloco de notas na tentativa de relembrar a lista de perguntas formuladas pelo meu editor e por mim, estando com o cabo de força da câmera de vídeo em uma das mãos. Estava todo atrapalhado.

Ele percebeu. E foi complacente.

- Calma meu jovem. Sou eu que sou procurado por polícias do mundo inteiro, não você. – Em seguida riu.

Ainda tentava coordenar minhas atividades. O nervosismo era tanto que não achava o roteiro minuciosamente elaborado junto com meu editor. Vasculhei a valise várias vezes em vão. Dele veio a seguinte proposta:

- Porque não fazemos o seguinte: Eu falo, você escuta. Simples e direto.

Ele parecia muito tranqüilo. Não transparecia qualquer ansiedade, mas eu não tinha qualquer dúvida a respeito de seu enorme interesse em revelar seus segredos para o mundo.

Quando consegui a mínima organização, com o equipamento de filmagem ligado, dei o “ok” e ele se pôs a falar:

“

Eu tinha dez anos. Brincava com meu irmão, um ano mais novo que eu. Aprisionamos uma aranha em um copo. Nossa intenção era asfixiá-la. Contudo, percebemos que demoraria mais tempo do que imaginávamos. Recordei-me de uma aula em que o professor ensinara como o fogo queima o oxigênio. Risquei o fósforo e levantei o copo na clara intenção de queimar o oxigênio e aranha assim morrer mais rápido. Mas você já imagina o que aconteceu: Involuntariamente, acabei botando fogo na aranha.

Eu não sabia. Aranha grita. Em chamas, a bichinha se debatia. Levou alguns segundos para ser totalmente consumida. Meu irmão ficou petrificado. Quanto a mim, asseguro: Nunca tinha sentido tanta fascinação. Abaixo da minha cintura alguma coisa deu sinal de vida. Um pequeno estímulo, mas suficiente para deslumbrar um princípio de êxtase. Nesse momento eu mesmo descobri, sem ninguém me falar, que eu era estimulado pela crueldade.

Mas somos condicionados a refrear estes instintos. Família, igreja, escola nos conduzem a uma vida em sociedade, pautada no respeito mútuo. E a brincadeira com a aranha, que como você pode perceber nunca saiu de minha memória, tinha como uma grande travessura. Todavia, não passei impune. Quando de minha primeira comunhão, aos doze anos, fui obrigado a confessar meus pecados e relatei a peripécia com a aranha e a estranha sensação de prazer que tive. Além de ter que rezar uma tonelada de “salve-rainha”, fui obrigado a ajoelhar no milho.

Esse sentimento ficou adormecido até os treze anos, quando ingressei nos quadros da juventude hitlerista. Éramos treinados em atividades extracurriculares, que incluíam a prática de esportes e acampamentos, além de uma doutrinação ao nazismo. Uma doutrinação pautada no ódio.

Éramos ensinados a odiar todos os indesejáveis pelo Estado, principalmente os judeus. Mas o que pode te chocar é que recebiamos crianças russas para brincar nas férias e eramos encorajados a esmurrá-las e torturá-las. Ensinavam-nos a sermos cruéis e impiedosos, principalmente com os mais indefesos. Lembro-me de que uma vez derrubei um menino, sentei-me em cima dele e comecei a desferir socos em seu rosto, sob os olhos de meu tutor. A medida em que o russinho apanhava e consequentemente gtritava, meu tutor ostentava uma expressão de satisfação.

Não vou ser hipócrita ao ponto de dizer que fui doutrinado para aquilo. Não lhe chamei de tão longe para isso. Estimulado sim, doutrinado não. Já havia crueldade dentro de mim suficiente para esmurrar aquele menino até a morte. Contudo, pelas razões já expostas, esse sentimento foi refreado. De repente, quando me tornei membro da juventude nazista, incentivaram-me a dar vazão a todo aquele instinto. Um instinto de fera abatendo sua presa.

Dada esta empatia, assimilei os valores nazistas com muito prazer. Dizer para um jovem de 14, 15 anos que residia nele o futuro de uma raça, que dentre todas as raças era a mais apta, e, por causa disso teria o direito de subjugar os assim denominados inferiores, soava como música para nossos ouvidos.

Por me identificar tanto com aqueles valores, seja pela auto-exaltação, seja por ser um ambiente que aceitava e estimulava minha crueldade inata, além de me sentir como membro de um grupo sólido e coeso, percebi que em determinadas circunstâncias teria um salvo conduto para meus excessos.